

**O QUE ALICE AINDA TEM PARA NOS DIZER? – ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS EM TEMPOS DE MODERNIDADE LÍQUIDA.** *Jéssica Marques Maciel, Sandra Sirangelo Maggio (orient.) (UFRGS).*

Como vivemos em uma era cada vez mais aberta para todo o tipo de fruição estética, pode parecer estranho que o romance *Alice no País das Maravilhas*, escrita por Lewis Carroll em 1865 ainda seja capaz de exercer tanto fascínio sobre seus leitores. Uma série de derivativos, que vão de jogos de RPG a constantes adaptações filmicas, mostra que a obra se adapta muito bem aos novos *media*. Isso tudo acaba provocando, como consequência, a busca de um contato mais direto com a obra original e criando uma nova geração de leitores. O interesse que motiva esta pesquisa é compreender a facilidade com que se estabelecem as relações entre os leitores do século XXI, que vivem em um tempo com características tão fluidas, e a obra em questão, escrita ainda no sólido Período Vitoriano, quando as pessoas tinham inquietações e circunstâncias aparentemente tão diversas das que nutrimos hoje em dia. Como embasamento teórico para a investigação serão utilizados o conceito de modernidade líquida, como proposto por Zygmunt Bauman; o foco na perspectiva do leitor, através de Umberto Eco; e a análise de imagens contidas na obra, a partir da teoria dos símbolos e arquétipos, de Carl Jung. Dessa forma, espera-se poder verificar como uma obra tão ilustrativa do imaginário do seu tempo pode também adquirir essa ressignificação que responde às inquietações de uma nova época.